

A aposta de Kondratieff

economia Brasil

ELIO GASPARI

Na sexta-feira, o professor Fernando Henrique Cardoso passa a faixa presidencial a FFHH e começa seu Segundo Reinado. Termina o mandato no pleno exercício de sua bonomia. Governou sem rancor, pequenos interesses ou mesquinhas. Deu à presidência um sentido de seriedade que, se teve uns toques teatrais, servirá de exemplo a seus sucessores. Teve tudo para dar certo. Dizer que deu errado é exagero, pois respeitou as liberdades públicas e preservou a estabilidade da moeda.

Mesmo assim, está dando errado. Pode-se estimar a qualidade do seu desempenho ouvindo algumas coisas que ele que ele mesmo disse, há quatro anos, no seu primeiro discurso de posse:

1) "Recuperamos a confiança no desenvolvimento."

2) "Hoje não há especialista sério que preveja para o Brasil outra coisa que um longo período de crescimento."

3) "As condições internacionais são favoráveis."

Tinha razão nos três pontos. Faltou-lhe, porém, a capacidade de duvidar da durabilidade do que dizia. Ainda no primeiro ano de governo, sua ekipekonômica atirou ao lixo a confiança no desenvolvimento, pisando no freio da contração econômica para preservar a ancora do câmbio. Desde o final de 1995, pela primeira vez quase um século, o Brasil é governado por um grupo de pessoas que não tem compromisso com o progresso.

O presidente que tomou posse dizendo que fazia da "esperança uma obsessão", produziu cruéis taxas de desemprego. Há milhares de jovens terminando seus estudos sem perspectiva de trabalho. Se uma empresa puser um anúncio oferecendo estágios sem remuneração para estudantes do último ano da faculdade, a fila em sua porta será o retrato da desesperança produzida por FFHH.

Ao fim de quatro anos, não há especialista sério que preveja para o Brasil outra coisa que um longo período de recessão. Essa enrascada foi produto de uma política de apostas diante daquilo que pare-



ciam ser condições internacionais favoráveis.

Em janeiro de 1996, quando o desemprego começava a doer, FFHH respondia aos críticos mostrando que as taxas nacionais eram menores que a americana e as de inúmeros países europeus. Ele fazia uma aposta. Ouvida, parecia indecifrável:

— O mundo está num ciclo ascendente de Kondratieff e o Brasil tirará partido dele.

Nikolai Kondratieff foi um brilhante economista russo. Trabalhou no Comissariado de Finanças de Lênin e desenvolveu a teoria segundo a qual a economia do mundo se move em grandes ciclos. Chegou a ser convidado para lecionar nos Estados Unidos, mas preferiu continuar em Moscou. Má escolha. Stalin fuzilou-o aos 38 anos, nos anos 30. (Num macabro aspecto do período, manteve-o no Conselho de Economistas até 1948).

Num pitoresco contraponto, os economistas brasileiros vão para o Governo, fuzilam a economia e sobrevivem com o título de ex-ministro).

Essa teoria do ciclo ascendente, que mais tarde FFHH chamaria de "novo Renascimento" e "era de prosperidade sem igual na história do homem", pressupunha um período de grande progresso da

economia mundial que, tendo começado a se recuperar no final dos anos 70, atravessaria o século em esplendor. Estava errada. Não era erro. Era apenas aposta.

O erro é um pensar equivocado. Ptolomeu, por exemplo, pensava que o Sol girava em torno da Terra. Estava errado, mas não apostava.

A aposta não é um pensar. É uma simples troca de riscos por expectativas. O sujeito que ganha a Sena não consegue isso porque concluiu que chegou sua vez. Ele apenas exercita a intenção de ganhá-la. Na imensa maioria dos casos, troca o mínimo de risco pelo máximo de expectativa.

O erro de FFHH foi apostar no "novo Renascimento" sem guardar no bolso do paletó o dinheiro do taxi para retornar ao hotel. Hoje há 12 milhões de pessoas a pé, sem trabalho, porque tendo perdido a primeira aposta, ele foi à caixa do cassino pedir crédito e voltou à mesa onde a sorte lhe faltou.

Em 1996, depois da quebra do México, já se podia duvidar da teoria do ciclo, mas também se podia dizer que isso era catastrofismo. Um ano depois, quando quebrou a Ásia, o problema mudou de aspecto, mas FFHH continuou apostando.

Em setembro passado, seus sábios pressentiam a possibilidade da quebra da Rússia, mas convenceram-no a continuar na mesa. Como a obsessão da esperança é atributo tanto dos estadistas (Churchill ao encarar Hitler) quanto dos apostadores (agora vem um ás), havia uma suposta racionalidade na decisão. Acreditava-se que o mundo não permitiria que uma potência nuclear fosse a breca. Essa suposição era tão racional quanto a crença de que a bolinha ia cair numa casa vermelha porque nos últimos cinco lances ela caiu na preta.

A Rússia quebrou e, meses depois, a economia brasileira foi entregue à supervisão do FMI. O novo mandato de FFHH começa com algumas metas oferecidas ao FMI já estouradas. Começa também com uma nova derrama, destinada a cobrir o buraco provocado pela inépcia da ekipekonômica, que não cuidou de assegurar a arrecadação da CPMF. (Cozinhasse uma tunga por meio do Imposto de Renda. Disso resultará que se trocou a cobrança de um tributo que pegava os sonegadores por outro que tem preferência pelos contribuintes honestos.)

Em janeiro de 1995 ninguém seria capaz de supor que o professor Cardoso terminasse seu mandato de forma tão modesta. Tentar prever como terminará o mandato que começa amanhã é um exercício que talvez nem ele possa fazer. O máximo que se pode arriscar é um jogo, no qual cada um escolhe a solução que preferir.

O Governo está na situação do sujeito que dirige um automóvel à noite, numa imensa reta de uma estrada estreita. A única luz da paisagem é a dos faróis e ele não tem a menor idéia do que há em volta. A certa altura, vê um outro par de luzes vindo em sua direção. Não há espaço para os dois.

FFHH pode apostar que o outro carro pára.

FFHH pode apostar que nas margens da estrada há espaço suficiente para mudar de caminho.

De uma coisa ele não escapa: de reconhecer que botou o país numa péssima estrada.

ELIO GASPARI é colunista do GLOBO.